

Crítica // Sing Sing ★★★

Sing Sing deixa de lado a brutalidade associada a criminosos a fim de revelar a capacidade de reestruturação de todos propiciada pela arte

RELATOS NADA SELVAGENS

Ricardo Daehn

A abolição do uso de facas (clandestinas, nos banhos de sol) e do costume de levar detentos para os corretores dos cantos de paredes, dentro de prisões, se junta a outro diferencial, no estruturado roteiro (indicado ao Oscar) de *Sing Sing*: a retirada da ofensiva expressão nigger do vocabulário dos presidiários. No lugar de “nigger”, entra “meu carro” no tratamento corrente de um grupo muito especial e que move toda a trama do longa assinado por Greg Kwedar. São os atores da companhia teatral montada no estabelecimento de segurança-máxima, vizinha ao Rio Hudson (Nova York).

Com citação à obra da Associação Nacional para o Progresso de Pessoas de Cor (estabelecida no começo do século 20), o filme mostra a realidade inclusiva e a arte como ferramenta efetiva de transformação. Indicado ao Oscar de melhor roteiro adaptado, o filme concorre com *Um completo desconhecido*, *Conclave*, *Emilia Pérez* e *Nickel boys*. No enredo há como base a peça escrita por Brent Buell e ainda o relato de peripécias do grupo, capturado em obra de John H. Richardson. Em suma, o exame da prática impressa pelo programa Rehabilitation Through the Arts.

“Confie no processo” é palavra de ordem que os atores do grupo ouvem a

DIAMOND FILMS



Sing Sing: indicação de melhor ator para Colman Domingo (C)

todo instante das lideranças personificadas pelo suposto ex-contraventor John Divine G. (Colman Domingo, na segunda indicação ao Oscar de melhor ator) e ainda pelo diretor das peças montadas por todos, Brent (Paul Raci). Numa inclusão inesperada, um novo componente para a turma, Clarence Divine Eye (Clarence Maclin), vai causar certa trepidação na união do grupo. Sean San Jose também movimentará ainda mais as energias conflitantes, no papel de Mike Mike.

Quem assistiu ao documentário César deve morrer (com o qual Paolo e Vittorio Taviani venceram o Urso de Ouro no Festival de Berlim, há 13 anos) sabe

da dimensão do novo longa que não endossa referências de fichas criminais dos personagens para revelar como são cooptados pelo fazer artístico, com respaldo de genuína criatividade.

Ver os atores como personagens sociais (numa vivência que aponta para a capacitação profissional de desfavorecidos, a exemplo do carioca Nós do Morro) aumenta a dimensão da obra. O revirar de dramas e traumas dos personagens desestrutura e mostra a vulnerabilidade que habita alguns dos corpulentos detentos, entre os quais Sean Dino Johnson.

Uma ponte de nova confiança revigora as vitórias escalonadas do grupo de

artistas de ocasião, que extrapolam as limitações de abraçarem a arte de figuras universais como Shakespeare, e investem numa dramaturgia calcada em experiências mais pessoais e comunicativas. Conteúdos mais orgânicos para todos. Entre ensaios gerais, momentos de descontrole e ainda sujeitos à brutalidade, provando a universalidade, os atores (muitos, de fato, saídos de Sing Sing) fazem os espectadores brasileiros lembrarem de Pixote, a lei do mais fraco (1980) e ainda das ações desenvolvidas pelas pastorais carcerárias, amparadas no uso de técnicas do Teatro do Oprimido, desenvolvidas, ao longo de décadas, por Augusto Boal.